

Querida colega professora Ruth Guilherme, presidente da Associação Brasileira de Nutrição (ASBRAN), querida colega e companheira de muitos anos de profissão, professora Leopoldina Augusta de Andrada presidente da Associação Pernambucana de Nutrição (APN), caros colegas nutricionistas que me assistem nesse momento, quero registrar aqui o meu apreço e respeito por todas e todos vocês.

Quando recebi o convite da APN para concorrer a esse prêmio me senti muito feliz pela lembrança do meu nome diante de tantos colegas nutricionistas, aproveito aqui para fazer um agradecimento a nossa presidenta Leopoldina Augusta pelo seu empenho em me inscrever como indicação da APN. Aceitei esse desafio e confesso que foi com grande surpresa e alegria que recebi o resultado juntamente a nossa colega Sylvania Cozzolino com a qual empatamos na pontuação.

Fui apresentada ao Curso de Nutrição ao me inscrever no Vestibular de 1975 para a Universidade Federal de Pernambuco, eu vinda do interior da Paraíba para tentar uma vaga em um curso da área de saúde numa universidade pública. Ao analisar as atividades de um nutricionista pensei que esse seria o Curso ideal para eu estudar e ao me formar voltar ao sertão e tentar ajudar aos meus conterrâneos que padeciam de muita fome principalmente no período da seca. E aí neste momento eu faço um agradecimento especial ao desconhecido que formulou a descrição tão bem elaborada do Curso de Nutrição, foram aqueles detalhes descritos que me mobilizaram para pleitear a vaga neste Curso.

Começo as minhas palavras registrando a minha felicidade pela escolha da profissão de nutricionista, da qual me orgulho muito. Em 1975 o Brasil tinha oito cursos de nutrição, todos em Universidades Públicas sendo o de Pernambuco e o da Bahia os pioneiros do Nordeste.

Conhecendo com profundidade a realidade do Nordeste Brasileiro o professor Nelson Chaves, fundador do curso de Pernambuco, um importante médico fisiologista, direcionou a formação dos profissionais desse Curso para Nutrição Social com linha de pesquisas muito importantes na desnutrição e nas suas consequências para nossa população.

Mas, foi na biblioteca do Curso de Nutrição e na disciplina de Sociologia que eu encontrei claramente o que definiria a minha vida profissional e pessoal. Encontrei o livro Geografia da Fome de Josué de Castro. Nesse momento, nunca tinha ouvido uma referência ao seu nome, tempos sombrios do regime militar em que Josué tinha sido exilado e seus livros recolhidos por ser injustamente considerado um subversivo. Nessa época ele já tinha falecido de tristeza por não poder voltar à sua terra.

Geografia da Fome, foi um divisor de águas na minha vida, porque tudo que continha nele era descrição viva da minha realidade nordestina especialmente do sertão.

O departamento de nutrição trabalhou muito tempo com suplementação alimentar para recuperação de desnutridos e eu acreditava ser essa solução para os problemas decorrentes da

desnutrição no período de secas no sertão. De repente, surgem explicações claras que relacionavam a fome com as questões políticas e sociais e isso era extremamente novo para mim. Quando a professora de Sociologia discutiu um texto do Dr. Moisés Behar sobre pobreza e desnutrição eu me convenci plenamente em que área trabalharia quando nutricionista. O mesmo confirmava todos os escritos de Josué de Castro.

Iniciei as minhas atividades em Nutrição enfrentando um novo desafio, trabalhar na Zona da Mata, local de muita exclusão e miséria, numa atividade pioneira na área de nutrição; ali era formado o primeiro ambulatório de saúde pública no Brasil. Esse projeto me aproximou de uma realidade cruel que não conhecia até então no sertão. Resolvi não voltar mais para o meu sertão como planejei lá no início e desde então comecei a trabalhar na Universidade Federal de Pernambuco.

A escolha de trabalhar com extensão, área nunca valorizada pelas Universidades também era adversa e ao mesmo tempo aprofundou o conhecimento da realidade do país em que vivemos. Foram sete anos de trabalhos e aprendizados intensos nessa região, mas nada se comparava com a luta diária em tentar salvar vidas de crianças com desnutrição grave que como consequência havia altas taxas de mortalidade infantil. Seguramente foi a fase da minha vida que mais chorei porque já entendia perfeitamente que uma morte tendo como causa a fome era evitável.

Vivi a experiência com creches na periferia do Recife e identifiquei a distância entre o que é anunciado pelo gestor público e a prática. Nada me abalava mais do que a difícil situação das mulheres pobres dessas comunidades. O preconceito que as circundavam, a exploração do trabalho que desenvolviam, a falta de segurança nos relacionamentos para apoiá-las na criação dos filhos etc. Aí descobri a importância de entrar na luta em defesa das mulheres.

A nutrição me deu centenas de oportunidades, muitas bastante desafiadoras pela dificuldade de exercer uma profissão desconhecidas pela sociedade

Contribuir com a abertura e implantação do Núcleo de Saúde Pública da UFPE me proporcionou a experiência viva em trabalhar a intersetorialidade e me fez constatar a resistência para implantação do SUS no Estado, visto que esse era o principal objetivo do Núcleo.

Aproveito para agradecer a oportunidade que o Departamento de Nutrição me proporcionou ao permitir a minha participação ativa em inúmeros movimentos como: o Movimento de Indignação Contra à Fome e o Núcleo de Estudos de Nutrição em Saúde Pública, a participação no Centro Josué de Castro, no Grupo Origem, uma experiência muito rica de Aleitamento Materno, no Centro de Agroecologia Sabiá, na Associação Pernambucana de Nutrição, no Conselho Regional de Nutricionistas da 6ª região, da Ação da Cidadania Contra à Fome, a Miséria e Pela Vida, na criação do Fórum Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional, no Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, no Conselho Estadual de

Segurança Alimentar e Nutricional o qual presidi e por último como conselheira durante 12 anos no Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional.

Criado em 1993 pelo Presidente Itamar Franco, o Consea Nacional atendia um apelo da sociedade civil desde a primeira Conferência Nacional de Alimentação e Nutrição em 1986, com o objetivo de construir políticas públicas focadas na alimentação e na nutrição universais com a participação da sociedade civil. Logo após a sua criação, passou a exercer um importante papel no aprofundamento da discussão de Segurança Alimentar e Nutricional com ampla participação política e de forma intersetorial.

Extinto no início do governo que o sucedeu, foi recriado em 2003 e contribuiu de forma efetiva na discussão da Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional, assim como foi um espaço de construção de conceitos e consolidação de necessidade de criação de políticas públicas focadas na Alimentação Adequada e Saudável e a na Comida de Verdade.

Coube também ao Consea, liderar a Construção de um Sistema Nacional de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, com participação da sociedade e assumir o protagonismo da adesão de todos os Estados do Brasil na construção de Sistemas Estaduais e Municipais de San, tendo como princípio orientador a alimentação e nutrição adequada como direito humano. Pelo que podemos observar o Consea é algo que incomoda aos governos brasileiros, seguramente os motivos passam pelo descompromisso no combate à fome.

Nesse espaço foi possível acompanhar todos os passos de forma prática e ativa da intersetorialidade, da relação governo e sociedade civil, da construção de políticas públicas sonhadas por décadas e das discussões centradas nas necessidades do povo brasileiro. Os temas das quatro Conferências Nacionais que ocorreram de 2004 a 2015 estavam em acordo com as discussões oriundas de lugares mais remotos do Brasil e tinha ampla participação da sociedade civil. Seguramente, o patrono do Consea Nacional, Josué de Castro, ficaria muito feliz se tivesse vivido esse tempo.

A minha experiência como docente é sempre marcante, posso vivenciar as lições aprendidas pelas leituras do professor Paulo Freire quando dizia: “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. A afirmação do educador coloca como indispensável à dialogicidade da troca de conhecimentos. Com os meus alunos, eu aprendi muito como nutricionista, como professora e como cidadã.

Procuro ressaltar em qualquer espaço de participação a importância da profissão que escolhemos. A Nutrição abre caminhos a cada dia para diferentes áreas de atuação profissional. Nunca imaginei que essa profissão crescesse e ocupasse o espaço e o reconhecimento que temos hoje no Brasil e no Mundo. É indiscutível a importância da Nutrição na promoção, prevenção e recuperação da saúde.

Apesar de todas essas considerações e sucesso alcançados não posso nem pensar em parar de exercer de forma ativa ou voluntária a atividade de nutricionista.

Não é possível dormir tranquila, como previa Josué de Castro, num país em que no mais recente estudo elaborado pela ActionAid, instituição que atua há mais de 20 anos no combate à fome e à pobreza, mostrando que quase 15 milhões de pessoas passariam fome no Brasil até o final do ano passado. Dado confirmado como consequência do aumento da desigualdade social e do crescimento da extrema pobreza no país.

A medida provisória que extinguiu o Consea Nacional, assinada no dia da posse do atual presidente da república, a redução de recursos e a descontinuidade de políticas afirmativas que contribuíram de forma direta para que o Brasil saísse do Mapa da Fome em 2014, nos despertam para o grande desafio que nos esperam. Lembro aos colegas nutricionistas que lutar contra à fome é uma responsabilidade de todos os profissionais que exercem essa profissão. Representa o mínimo de coerência que a sociedade espera de todos e todas nós.

Tenho que lembrar diariamente que embora 70% da nossa alimentação seja oriunda da produção familiar e camponesa mais de 90% dos recursos destinados à agricultura no Brasil vão para o Agronegócio. Esse por sua vez, tem como função precípua a monocultura de alimentos para exportação, boa parte deles destinados à alimentação animal, trazendo para o Brasil o título de maior produtor e consumidor de agrotóxicos do mundo. Poluindo as matas, águas, florestas e aumentando de forma linear a devastação do meio ambiente e em consequência sendo responsável por grande número de enfermidades e mortes da população. Reivindicar o direito de orientar a alimentação e nutrição de uma população sem se preocupar com a forma de produção e a qualidade do alimento produzido é paradoxal e inconsequente.

Após anos de luta o Brasil saiu do Mapa da Fome e numa rapidez surpreendente voltaremos a fazer parte do mesmo, fruto da irresponsabilidade de uma política de governo neoliberal e genocida que entrega todas as nossas riquezas, exclui a maioria da população do processo produtivo e tolhem diariamente a mesma de exercer o seu direito mínimo como cidadã e cidadão. O mais difícil dessa constatação é saber que um alto percentual da população brasileira não sente nem um pouco de constrangimento ao viver num país que está entre as maiores economias do mundo e concomitantemente tem a maior desigualdade econômica e social comparada a outros países.

É impossível parar a luta quando participamos da construção de um Sistema de Saúde, universal, integral, equânime, descentralizado, regionalizado, hierarquizado com participação social e mesmo, mostrando a importância do mesmo para a população, sofre ataques sistemáticos para sua extinção. A pandemia do Coronavírus mostrou o quanto o SUS é importante para a população brasileira. Mesmo assim, não temos certeza da sua continuidade.

Os ataques a grupos e populações tradicionais, indígenas e populações negras, fruto de um preconceito estrutural, que hoje vivem em péssimas condições de vida, de alimentação e de segurança dessa população, representa um desafio permanente para todos nós.

Então, queridos colegas, eu gostaria de dedicar essa premiação que hoje recebo, o prêmio Lizzelote Ornelas, aos meus professores, desde a professora e vizinha que voluntariamente me alfabetizou Marluce Medeiros e a todos os meus professores que contribuíram com o meu aprendizado, e de certa forma, com a única possibilidade que uma cidadã pobre sertaneja teria para conseguir tantas conquistas.

Agradeço aos meus pais pelo esforço enorme que fizeram e pela liberdade que me deram para que eu escolhesse essa profissão. Sinto um grande orgulho em afirmar que estudei durante toda a minha vida, da alfabetização ao doutorado, em Escolas Públicas. E por fim, agradeço aos meus familiares, que estão sempre presentes e me apoiando nessa caminhada, aproveito a oportunidade para diante de vocês, ao receber esse prêmio, declarar que continuarei na luta por diferentes bandeiras que caracterizaram essa minha jornada e isso passa pelo fortalecimento de nossas entidades de classe, pelos espaços de concertação política, a exemplo dos Conselhos de Segurança Alimentar e Nutricional, na luta pela Soberania Alimentar e Nutricional, no combate à fome, pela continuidade de um SUS soberano e por uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária.

Muito obrigada

Sonia Lúcia Lucena Souza de Andrade